

Projeto Eletromemória:
História da Energia Elétrica no Estado de São Paulo
(1890-2005)

Cultura Material e o objeto musealizável

Marília Xavier Cury
Mirela Araújo
Antonio Marcos de Oliveira Passos

São Paulo
2009

Cultura material e o objeto musealizável

Marília Xavier Cury¹
Mirela Araújo²
Antonio Marcos de Oliveira Passos³

“Há uma hora certa,
no meio da noite,
uma hora morta
em que a água dorme.
Todas as águas dormem:
no rio, na lagoa,
no açude, no brejão,
nos olhos d’água,
nos grotões fundos.
E quem ficar acordado,
na barranca, a noite inteira,
há de ouvir a cachoeira parar a queda e o choro,
que a água foi dormir...”
(trecho de Sono das Águas, Guimarães Rosa)

“Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama começa no rio;
onde a terra começa na lama;
onde o homem, com a pele
começa na lama;
onde começa o homem
naquele homem.”
(O Cão sem Plumas, João Cabral de Melo Neto)

Introdução

Bariri, água mexida, corredeira. Paraibuna, rio ruim e escuro, rio muito fundo. Paraná, rio grande. Entre as palavras em Tupi, que definem a relação do homem com os rios e os poemas do Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto, há dois pontos essenciais: a grandeza e o mistério que envolvem a natureza e o próprio homem.

Quem sabe a cachoeira durma e em seu sono mais profundo e o homem tenha se inspirado por formas de dominá-la, em dominar os rios e suas forças.

Na relação com a natureza – a força – o homem – a inventividade – busca dominá-la para transformar a própria vida. Nessa interação se circunscreve a importância

¹ Museóloga e docente do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

² Museóloga da Fundação Energia e Saneamento – saopaulo@energiaesaneamento.org.br

³ Museólogo da Fundação Energia e Saneamento – itu@energiaesaneamento.org.br

da cultura material que buscamos elucidar com o projeto Eletromemória. Melhor dizendo, a dimensão cultural da materialidade criada ou recriada nos processos de geração, transmissão e distribuição de energia produzida por hidrelétricas é mais rica e complexa do que podemos supor inicialmente.

Assim sendo, esta comunicação tem por finalidade levantar pontos para discussão sobre critérios para seleção de referências da cultura material do setor energético que podem ser considerados como patrimônio e constructos da memória paulista na vertente proposta.

Apresentação

O projeto Eletromemória busca o mapeamento e diagnóstico do patrimônio das empresas públicas e privadas do setor de energia elétrica paulista. Considerando o potencial desse patrimônio – historiográfico, arquivístico, museológico, bibliográfico e arquitetônico – o grupo de cultura material atua na perspectiva do levantamento de bens móveis e imóveis, visando a colaborar com a formação de um banco de dados acessível por diferentes categorias de usuários.

Em face deste objetivo geral, o grupo discutiu alguns critérios norteadores da identificação do patrimônio material ou os aspectos materiais da cultura empresarial desse setor energético que interessariam ao projeto Eletromemória.

A cultura material abarca todos os aspectos físicos da cultura socialmente mediados. Por outro lado, a concepção de “objeto” abarca diversas tipologias e naturezas, como fotografias, cartazes, plantas arquitetônicas, desenhos técnicos, objetos tridimensionais e bens imóveis. No limite desta concepção, a usina hidrelétrica e tudo que a compõe, por exemplo, é um objeto. Apesar disso, o grupo de cultura material fechou o seu foco em objetos tridimensionais e bens arquitetônicos, entendendo que todos os outros grupos de trabalhos estão igualmente debruçados sobre seus focos e que as diversas contribuições poderão ser cruzadas. Para efeito de esclarecimento, fotografias e desenhos técnicos e arquitetônicos – produções em suportes bidimensionais – não fazem parte do centro atenção desse grupo, pela forma como são armazenados, ou seja, fazem parte de arquivos técnicos ou permanentes e, por esse motivo, são focos do grupo de arquivística.

Mas, entendendo que esse universo empresarial com o qual lidamos refere-se com uma variedade muito grande de objetos e bens imóveis (mobiliário, equipamentos e

instrumentos, máquinas, construções diversas etc.) e que muitos desses objetos não contribuiriam sobremaneira com o projeto – porque participam também de outros contextos e, ainda, porque não têm uma participação particularizada e exclusiva no processo de geração, transmissão e distribuição de energia – orientamos o levantamento preliminar à construção da base de dados em torno daqueles bens móveis e imóveis que priorizariam a memória do setor de energia elétrica, ou seja, naqueles objetos cujos atributos intrínsecos (propriedades físico-químicas) não colocassem em dúvida outras possibilidades quanto a atributos extrínsecos (atribuição de sentidos, construção de inferências) de interesse da construção da memória do setor elétrico paulista.

Para melhor cercar a questão, buscamos fundamentação para a atuação do grupo, como premissas quanto à cultura material, objetos museológicos e coleções; a relação entre cultura material e museus; patrimônio cultural, industrial e arquitetônico; preservação; educação e comunicação.

Para efeitos práticos – durante a fase de pesquisa de campo nas empresas –, o grupo de cultura material se subdividiu (sem se separar) entre bens imóveis (arquitetônicos) e bens móveis (o que vamos denominar simplesmente como objetos), para viabilizar os registros.

Nesse sentido, esta comunicação tem como objetivo apresentar alguns dos procedimentos do grupo incumbido de identificar objetos sob a guarda das unidades de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica que integram o projeto Eletromemória.

Procedimentos

Para o alcance do objetivo geral do projeto – mapeamento e diagnóstico do patrimônio das empresas públicas e privadas do setor de energia elétrica paulista para a formação de um banco de dados –, o subgrupo de bens móveis considerou que não seria possível partir direto para a preparação de um inventário que subsidiaria a estruturação de um sistema de documentação museológica, ou melhor, alimentaria a base de dados de objetos museológicos tombados já existente no Museu da Energia. É importante destacar que esse sistema de documentação de objetos já está implantado no Museu da Energia. Então, há uma ficha catalográfica (anexo 1). O grupo percebeu que essa ficha catalográfica não poderia ser aplicada nos trabalhos de campo do projeto Eletromemória, visto que os objetos que seriam identificados e registrados não poderiam ser

considerados individualmente, a priori, pois a situação de objeto individualizado dificilmente seria encontrada e, se encontrada, esse tratamento não seria dado devido ao pouco tempo disponível para cada visita técnica a ser realizada. Dessa forma, criamos uma ficha padrão para registro de objetos passíveis de musealização ou musealizáveis. Cabe explicar que tomamos como base a experiência museográfica, ou seja, recorreremos à práxis museológica e combinamos um procedimento preliminar àquele que antecede o ingresso de um objeto (ou conjunto de) em um museu, considerando a sua identificação e localização. Um esclarecimento se faz necessário, no entanto. Não estamos com isso definindo ou sugerindo que esses objetos integrem o Museu da Energia ou outra instituição museológica, pois cada instituição tem sua política de formação de acervo, formulação que passa por determinantes circunstanciais particulares. Mas, a identificação e seleção de objeto(s) deflagram um valor patrimonial que poderá ter um destino museológico futuro, ou não. O fato é: uma vez reconhecido um valor patrimonial, o olhar sobre o objeto selecionado dentre tantos outros se modifica.

Assim, a ficha (anexo 2) tem a seguinte estrutura: 1- o que – identificação do objeto ou conjunto de; 2- onde – localização; 3- como se apresenta – estado de conservação do objeto ou do conjunto; 4- possibilidades de conservação – condições ambientais onde se encontra(m). A documentação fotográfica é essencial, pois auxilia no registro de informações sobre os objetos e estado de conservação.

O grupo de cultura material participou das expedições (julho de 2008 e janeiro de 2009) e visitas programadas (2008) pelo projeto Eletromemória às unidades de geração e transmissão de energia. Em busca de bens móveis “patrimoniais” encontramos muitos objetos em uso (como conjuntos de turbinas), transformadores, disjuntores, painéis de controle, aparelhos e alguns equipamentos ligados à segurança de trabalho. Os aparelhos fora de uso, que ficam guardados em almoxarifados, são os chamados "dispositivos": peças de grande porte, usadas para manutenção (um dispositivo de limpeza/troca das turbinas é usado uma vez a cada 15 ou 20 anos) ou eventualmente para troca (um painel que ainda pode ter alguma peça que pode ser usada para substituir outra quebrada) ou outros aparelhos reservados para reposição. Na grande maioria das vezes as peças substituídas ou fora de uso são imediatamente descartadas como sucata. No caso de ser uma grande quantidade ou material de grande porte, essa sucata vai a leilão. Esse descarte imediato atende ao procedimento administrativo dos "5S" adotado na maioria das empresas.

Lembramos que as empresas de energia de São Paulo foram modernizadas e/ou adequadas antes e após o processo de privatização e que, concluímos, muitos objetos considerados no escopo deste projeto foram descartados sem preocupação com a memória do setor energético estadual. Apesar do nosso pesar, temos de considerar que a questão da preservação patrimonial ainda não é constitutiva de uma política de desenvolvimento. Ao contrário, o discurso hegemônico ainda defende com veemência a contraposição e incompatibilidade entre preservação e desenvolvimento, passado e presente, tradição e modernização⁴.

Há, no entanto, exceções, o que encontramos na UHE Porto Primavera, da CESP, e nas UHEs Limoeiro, Bariri e Barra Bonita, da AES Tietê. Essas usinas ainda mantêm almoxarifados com diversos tipos de objetos (ferramentas, dispositivos, materiais de escritório, mobiliário etc). Em Porto Primavera há, ainda, um almoxarifado dos objetos que vão para descarte e no subsolo um local de armazenamento para as prospecções geológicas realizadas antes da construção da usina. Em certos casos (UHEs Limoeiro e Bariri) encontramos almoxarifados climatizados (chamados Quarto Seco ou Estufa, com controle de temperatura e umidade) para equipamentos eletro-eletrônicos.

No que se refere às dificuldades encontradas para identificação e seleção de bens móveis, podemos destacar três.

A primeira foi o tempo disponível para as visitas técnicas. Visitávamos toda a unidade, os arquivos e, enfim e por certa insistência (porque não havia nada lá na visão dos funcionários), o almoxarifado. Às vezes faltou tempo. Uma segunda visita seria necessária para melhor coleta de dados quanto à cultura material.

Uma segunda dificuldade remete ao entendimento por parte dos funcionários sobre o que seriam objetos museológicos. Quando se fala desse tipo de objetos eles rapidamente concluem que nada daquilo é "peça de museu", pois são todos objetos de uso cotidiano ou aparelhos enormes, como as turbinas. Procurávamos adaptar a linguagem para facilitar a comunicação, referindo-nos a "objetos antigos" e/ou com etiquetas antigas da CESP etc. Para esses funcionários era mais claro o sentido da pesquisa histórica nos arquivos permanentes (mas não nos arquivos correntes) e a partir das coleções fotográficas.

Um terceiro ponto dificultador é o limite de critérios para levantamento e seleção de objetos musealizáveis, porque há categorias não previstas que poderiam ser inseridas,

⁴ A Fundação Energia e Saneamento foi criada em 1998 na perspectiva de preservação desse patrimônio, tendo a guarda de parte do acervo das empresas do setor energético privatizadas.

como, por exemplo, placas comemorativas ou rememorativas. Há muitas delas, seja da inauguração e modernização, seja em menção aos anos “sem acidente de trabalho”. Na UHE Bariri há uma placa com a seguinte inscrição

Àqueles que, na humildade
de seu trabalho, perderam
suas vidas nesta obra,
o preito de homenagem do
Governo de Estado e dos
Companheiros da CHERP.

Pedro del Cassale
Armando Stevanatto
Nelson Ferro
Divino Camilo Pereira
Joson Batista de Sant’Ana

12 de novembro de 1965.

A questão que se coloca é: qual é a memória que queremos construir? Quais são os recortes elegidos? A empresa? O empreendedor? Os funcionários? A segurança do trabalho? As estratégias de gerenciamento e administração?

As três dificuldades acima colocadas nos deixaram a sensação de que há muito mais a ser localizado. Quanto a aspectos que poderíamos destacar, lembramos de dois.

A experiência compartilhada com os outros grupos de trabalho durante reuniões, expedições e visitas técnicas foi muito produtiva para a unidade do projeto Eletromemória e em termos profissionais.

Outro aspecto a ser destacado é o compromisso dos profissionais que nos receberam com a história das empresas. Cada um, a sua maneira, revelou um orgulho por fazer parte dessa história, sendo remanescentes das antigas empresas. Talvez esse fato tenha sido um dos facilitadores do grande acesso que tivemos às empresas. Talvez nesses profissionais resida um grande potencial de ação para o projeto Eletromemória. Um caso poderia ser ilustrativo para aquilo que queremos destacar. Na última expedição (26 a 30 janeiro de 2009) encontramos informações interessantes sobre as usinas de Euclides da Cunha e Limoeiro. Em 2008 elas completaram 50 anos e para a comemoração foram realizados, pelos próprios funcionários, uma pesquisa, vídeo, recolhimento de depoimentos e levantamento fotográfico sobre o histórico das usinas. Acreditamos que por essas ações de rememorar o passado e fatos marcantes (as usinas sofreram com uma enchente na década de 70 que destruiu as barragens), os funcionários estavam mais suscetíveis ao entendimento do que seja um objeto museológico. Um

deles, inclusive, nos mostrou algumas peças que ele acredita têm importância histórica. Estas iniciativas em grupo ou individuais que deflagram a dignidade dos cidadãos em trabalho são grandes potenciais para os trabalhos do grupo de cultura material e para a área de museologia.

Considerações finais

Na ótica da cultura material os objetos são documentos. Na ótica da museologia os objetos, além de documento, têm uma capacidade (talvez) inesgotável de comunicação com o público. No encontro das possibilidades de pesquisa (sobre a cultura material) e comunicação (por meio de exposições e ações educativas) está um grande potencial de reflexão do grupo de cultura material.

Os maiores esforços ficam para o entendimento do nosso campo de pesquisa e área de atuação. Os museus são vistos como lugares para guardar coisas fora de uso, e isso as usinas não têm, seja porque já foram descartados, seja por que são relativamente recentes e os objetos de trabalho têm uma vida útil muito grande.

Sobre as expedições, embora esse não seja nosso campo de atuação e já exista um grupo de pesquisa histórica, poderíamos pensar, também, numa vertente de patrimônio imaterial. Muitas das pessoas que trabalharam na consolidação das usinas ainda estão vivas e, algumas delas continuam na ativa. Nas conversas que tivemos foi possível perceber o quanto é importante para elas falar do trabalho e do desenvolvimento da tecnologia e mão-de-obra brasileiras. Para além da história das usinas, acho que podemos ouvir as histórias de participação dessas pessoas. O grupo de cultura material, no âmbito de suas competências e com a visão museológica, poderia melhor aproveitar esse potencial humano.

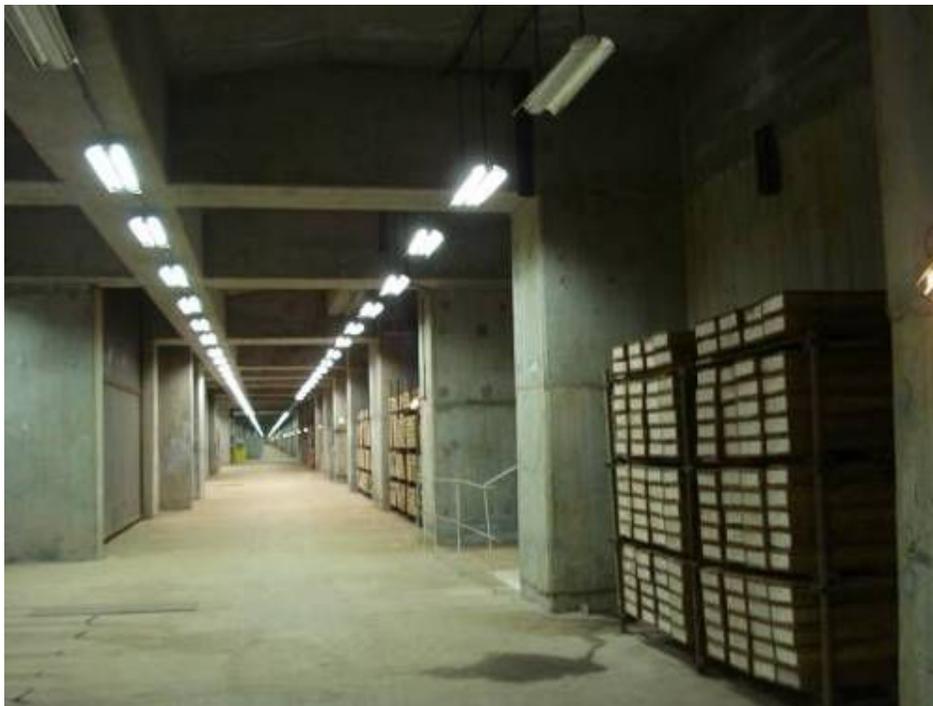
O banco de dados que será estruturado pelo projeto Eletromemória poderá ser apropriado de inúmeras formas e os objetos poderão ser interpretados de tantas outras, dado o potencial multi e interdisciplinar da cultura material. Mas, ficarão em aberto as ricas possibilidades de participação dos funcionários das empresas na identificação, seleção e reconhecimento dos objetos materiais.

Por outro lado, não podemos mais falar de cultura material sem falar de museologia, e de museologia sem falar em museu, local para onde as coleções se destinam para preservação. Por outro lado, não podemos mais deixar de considerar que um museu tem dois pontos constitutivos: o acervo e o público. E nesse sentido, estarão

igualmente abertas as ricas possibilidades de aproximação do público desse patrimônio que, certamente, remete à sua vida, à sua cidade, ao seu estado.



Almoarifado de Descarte – UHE Sergio Motta, Porto Primavera
Julho de 2008. Foto: Mirela Araujo



Subsolo da UHE Sergio Motta, Porto Primavera, espaço de guarda das prospecções geológicas (1980)
Julho de 2008. Foto: Mirela Araujo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 2005.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Algumas reflexões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação. IPHAN, 7 p. Disponível em: www.iphan.gov.br. Acesso em 3/02/2009.

LACERDA, Janaína. Instrumentos científicos como fonte para a história da ciência: uma história possível. 9 p. mimeo.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, p. 419-476, 1990.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do IEB**, São Paulo, v. 34, p. 9-23, 1992. Disponível em: www.usp.br/sibi.

SILVA, Leonardo Mello. Patrimônio industrial: passado e presente. IPHAN, 5 p. Disponível em: www.iphan.gov.br. Acessado em 3/02/2009.

TICCIH. Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial. jul. 2003.

Anexo 1 – Ficha Cultura Material

Anexo 2 - Ficha catalográfica Museu da Energia

GRUPO CULTURA MATERIAL
Acervo Museológico

Usina: UHE Euclides da Cunha/ AES Tiête – São José do Rio Pardo

Uso

Manutenção

Depósito/Almoxarifado

Exibido

Localização: Casa de Máquinas

_____ objeto (s) _____

1 conjunto 4 Turbinas Francis _____

Estado de conservação do objeto:

Ruim

Bom

Regular

Ótimo

Condições ambientais:

Ruim

Bom

Regular

Ótimo

Obs: 4 turbinas, também chamadas de Unidades Geradoras (UG) do tipo Francis, são originárias da França. Entre 2002 e 2003 as UG1 e UG2 passaram por uma manutenção preventiva geral e modernização, UG3 e UG4 passaram por uma modernização parcial. Essa modernização substituiu o sistema de graxa por teflon.

Técnico responsável pelo preenchimento: Mirela Leite de Araujo

Data: 29/01/2009



Vista Geral da Sala de Máquinas, andar superior
Foto: José Wilson Penteadó



Unidade Geradora, subsolo
Foto: José Wilson Penteadó

Ficha catalográfica completa - EXEMPLO

1. Identificação

Denominação: ferro de passar

Nº de Registro: 2402



Registrado em: 21/03/2000

Última alteração: 18/07/2006

Categoria: equipamento de serviço doméstico

Fundo:

Função: Passar roupa

Título:

Coleção:

Referências no acervo:

Descritores:

2. Características

Materiais/Técnicas: baquelite ferro fundido
madeira

Comp./altura: 18,00 cm

Largura: 30,00 cm

Profundidade: 10,00 cm

Diâmetro: cm

Peso: g

Volume:

Corrente:

Potência:

Frequência:

Tensão:

Nº de partes: 1

Energético: gás canalizado

Inscrições: ; ;

Marcas: -

Autor:

Produtor: BM

Origem: ; Argentina

Nº de série:

Modelo:

3. Aquisição

Forma de aquisição: compra

Data da aquisição:

Fonte: Raquel de Oliveira Lima

Valor pago:

Documento de aquisição:

Nº documento:

Valor estimado: R\$ 50,00

Data avaliação:

Créditos:

Restrições de uso:

Comodato:

Motivo da baixa:

Destinatário:

Nº apólice seguro:

Seguradora:

Validade da apólice:

Valor da apólice:

4. Histórico

Histórico: Encaminhado para o Cambuci através de Ana Silvia em 06/10/2000.

Nº anterior: ID - 0302

Procedência:

Período de utilização:

Descrição: Cabo azul.

Acondicionamento:

Ficha catalográfica completa

Acessórios:

Documentos anexos:

Referências Bibliográficas:

5. Localização

Circulação dos objetos:

<u>Data</u>	<u>Situação</u>	<u>Local</u>	<u>Núcleo</u>
18/07/2006	Exposição	Sala 10 - Equipamentos Domésticos	Museu São Paulo
16/03/2001	Exposição	Bloco I	Jundiaí
06/10/2000	Restauração	Sala do Maçarico	Sede

6. Conservação

Estado de Conservação:

<u>Data</u>	<u>Situação</u>	<u>Descrição</u>
21/03/2000	bom	

Materiais de limpeza:

Intervenções:

Data: Tipo de intervenção:

Responsável:

Valor do restauro:

Laudo nº:

Recomendações:

7. Imagens

<u>Nº do CD</u>	<u>Título</u>	<u>Nome do arquivo</u>
1	Inicial	2402.jpg

8. Compilação

<u>Data</u>	<u>Nome</u>	<u>Função</u>
18/07/2006	Michele	estagiária
21/03/2000	Adnei Melges de Andrade	supervisão
21/03/2000	Ana Sílvia Bloise	compilação